

**NEOLOGISMOS COMO MECANISMOS  
DE ENRIQUECIMENTO DA LÍNGUA E CULTURA:  
UMA ANÁLISE DO TERMO "IMORRÍVEL"**

Gislaine de Fátima Siqueira (UEMS)

[professoragislaine28@gmail.com](mailto:professoragislaine28@gmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho apresenta estudos desenvolvidos sob a luz da Sociolinguística tendo como alvo o neologismo, um comportamento espontâneo, fruto da comunicação, que surge como um fenômeno linguístico, o qual consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou mesmo na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Geralmente o fenômeno ocorre quando o indivíduo quer se expressar, e na busca da palavra ideal não localizada recorre a termos de uma língua internalizada, já conhecida e por muitos dominada, ou seja, fazendo uso de processos existentes na língua: como a prefixação, a sufixação, a aglutinação ou a justaposição, processos que podem ocorrer sem ao menos o falante se dar conta. Diante do exposto, este trabalho objetiva conceituar e explicar os neologismos como mecanismos de enriquecimento da língua e representação de uma cultura, o corpus para este estudo será a análise do termo "imorrível" no jornal *O Globo* e no filme *Di Melo – O Imorrível*. Para nortear nossa reflexão, utilizamos como pressupostos teóricos os estudos de Vito César de Oliveira Manzolillo (2013 e 2014) e Maria Aparecida Barbosa (1996) sobre neologismo.

**Palavras-chave:** Neologismo. Sociolinguística. Sociedade. Cultura. Imorrível.

### **1. Introdução**

O presente trabalho descreve e analisa neologismos. O significado do termo designa “nova palavra”, o que pode contribuir para enriquecer a língua, sobretudo diante dos diálogos, no qual o falante possui uma necessidade vocabular de se comunicar, seja ela, momentânea, transitória ou permanente. Diante disso, para suprir as mais inesperadas necessidades da comunicação, ele pode criar palavras novas.

O neologismo presente na identidade de um povo, infere assim, na sua cultura. Para Eugenio Coseriu (1977, p. 187), a linguagem é um fenômeno social, pois é produzida em sociedade e é determinada socialmente, e como fator cultural é um importante símbolo da identidade de um grupo, pois é por meio da língua que os membros de uma comunidade criam seus valores, suas crenças, seus costumes, proporcionando assim, um contato com o mundo que os cercam. Ademais, essa interação

com o mundo está condensada em lexias, uma língua disponível para ser utilizada, em que cada falante a determina, a cria, e a mantém e da mesma forma determinadas palavras se tornam obsoletas, já que entram em desuso, é o caso do termo *apear* – o termo que provém latim, determinava aquelas cuecas compridas, que iam até debaixo dos joelhos, usadas pelos homens para que o tecido das calças não subisse, antigamente o seu uso era mais frequente.

Para José Lemos Monteiro (1991, p. 9) os falantes são capazes de alterar lexias já estabelecidas, já existentes no léxico da língua, criando nuances mais ricas, tanto de conteúdo subjetivo, quanto emocional. Para essa criação, ou melhor, dinamismo da língua, na sua caracterização formal – estrutura- e funcional – função linguística e ideológica, dá-se o nome de neologismo.

Maria Aparecida Barbosa (1996, p. 118) nomeia o processo de criação e renovação lexical de neologia, morfologicamente, é composta de duas palavras: neo-, vindo do prefixo νεο- do grego antigo, "novo", e λόγος, que significa "palavra", adicionando-se o sufixo -ismo.

Maria Aparecida Barbosa (1996, p. 80) relata em seu texto que o exame do neologismo deve levar em conta o discurso, a situação de produção, pois só assim, a caracterização da função linguística e ideológica pode ser feita, desse modo, a análise adequada surge a partir da análise sócio-histórico-cultural na qual o léxico foi produzido.

## **2. Referencial teórico**

### **2.1. Léxico: linguagem e sociedade**

Para Ferdinand de Saussure (2012, p. 19), “a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo [...]; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”, considerando assim, uma convenção social historicamente constituída, atividade estritamente humana. Mais recentemente, Steven Pinker (2002, p. 12) vai afirmar que o homem tem uma tendência instintiva para falar, diferente da tendência para a escrita, quando o falante participa de um diálogo ele fará uso de uma biblioteca interna, recorrendo a termos nos quais já possui um conhecimento prévio, caso os termos internalizados não se encaixem no diálogo, ele adequará esse léxico, criando assim, um neologismo.

Ainda para Steven Pinker, a linguagem está intimamente relacionada com a experiência humana, ele afirma que “Nas nossas relações sociais o que ganha não é a força física, mas o verbo – o orador eloquente, o sedutor da língua de prata, a criança persuasiva que impõe sua vontade contra um pai mais musculoso”. (PINKER, 2002, p. 7)

A sociedade é movida, produzida e modificada pela língua, considerada então um fator social e cultural, sobretudo o elo do homem e seu habitat é desenvolvida por meio da língua. A língua, portanto, não é mera casualidade da comunicação. A relação entre sociedade e língua se dá seja por imitação ou associação, para assim, formularmos mensagens, sejam nas relações humanas, literárias, culturais e/ou científicas.

## **2.2. Neologismos: expressividade e identidade cultural**

A partir do vernáculo, língua própria de um país, genuíno, puro e correto, o léxico tende a se inovar a partir da diversidade dos seus falantes, seja por neologismos semânticos, lexicais ou sintáticos, contribuindo assim para o enriquecimento do neologismo, retrato da sociedade intrinsecamente aliada à língua. O ser humano desde os primórdios busca expressividade através da comunicação, é por ela que o falante faz uso das regras próprias de seu dialeto, tornando-se assim, espelho da comunidade linguística a qual pertence.

Observando Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2007, p. 13), devemos “pensar a linguagem humana como o lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, portanto, de coenunciação” a partir do processo comunicacional, interação entre os falantes e ouvintes no seio do vernáculo, cria-se os neologismos.

A partir da descoberta de 1500, o tupinambá, vindo da família tupi-guarani do litoral brasileiro foi usado como uma língua geral da colônia, porém a partir de uma Provisão Real tal língua foi proibida de ser utilizada, para que a mesma não sobressaísse a língua portuguesa, contudo, a língua portuguesa herdou palavras de origem tupi-guarani, usadas até nos dias de hoje, como por exemplo (tatu, mandioca, caju, abacaxi e outras).

Da mesma forma em 1822 após o advento da Independência o vernáculo português sofreu influência das línguas europeias, ou seja, empréstimos linguísticos (principalmente por influência francesa) e africa-

nas, falado pelos negros vindos da Nigéria (vocabulário ligado à religião e à cozinha afro-brasileiras), palavras como babá = ama-seca, pessoa que cuida de crianças em geral; pai de santo, cuja origem é controversa sendo, para alguns estudiosos originária do quimbundo, e para outros do idioma iorubá.

Em consideração, o neologismo surge a partir, não só, da necessidade de comunicação, como também a partir da influência como por exemplo de uma língua estrangeira, seja por formar uma palavra nova, importar um termo de língua estrangeira, ou conferir um novo significado a uma palavra já existente. Nota-se ainda que a criação linguística pode ocorrer por vários tipos de processos, especialmente por composição e derivação.

### **2.3. Análise do termo: imorrível**

Eugenio Coseriu (1979, p. 215) afirma que a língua é um fazimento, uma criação contínua de si mesma, ela é um sistema para cumprir uma função: a comunicação, sendo assim, o falar é uma atividade criadora, uma invenção pode refletir apenas um momento, não se repetindo, não se tornando um modelo, outras vezes, a inovação do léxico é adotada e difundida, seguindo uma exigência cultural e estética da língua.

Entende-se que o português como qualquer língua, não é propriedade de um indivíduo ou de um grupo fechado de pessoas, mas é um fenômeno social, é um bem cultural de um povo e se espalha por todos os níveis da estratificação social.

*O Globo* registrou em 6 de março de 2013 a fala do ex-ministro Antônio Magri que se dizia “*imexível*”, agora, discretamente em Brasília em reunião da Força Sindical, renova o vernáculo dizendo que a intenção mesmo é ser “*imorrível*”. Embora o termo já havia sido pronunciado no ano anterior, a fala tomou uma grande proporção.

O dicionário contemporâneo da língua portuguesa Aulete, traz a palavra significando – 1. Que não morre; eterno; imorredouro; imortal [Antôn.: mortal.]. 2. Que nunca será esquecido; que sobreviverá à mudança dos tempos; imorredouro; imortal; inesquecível: Comprei o imorrível *Dicionário de Questões Vernáculas*. [Antôn.: esquecível, imemorável, morredouro.] Os dois termos propostos por Magri (imexível; imorrível) surgem de um conhecimento prévio da língua portuguesa, onde se faz uso do processo de derivação prefixal já que diversos termos diciona-

rizados são tomados como exemplos, é o caso de feliz (in/feliz), capaz (in/capaz), próprio (im/próprio), confiável (in/confiável).

Quando se trata de morfologia, nem sempre a uniformidade das regras se faz presente. Não é regra afirmar que o prefixo *in-* se une a adjetivos terminados em *-vel* de base verbal transitiva direta, pois, deve-se também caracterizar-se por função sintática denotadora de passividade. Registra-se *inconfiável*, mas *rejeita-se inconvivível*, *aceita-se intransitável* mas *rejeita-se imorrível*, *inconfortável*, mas não *insentável*.

*Imexível -vel* (possui duas funções: a semântica, de indicar passividade e a sintática, de mudar um verbo para adjetivo) e este serve de base para a prefixação com *in-* cuja passividade se mantém, a base adjetiva com *-vel* a afixação de *in-* se mostra evidente. As formações com *in-* + base + *-vel* decorrem de prefixação e tais formações se mostram muito produtivas principalmente com adjetivos derivados de verbos, é o caso das palavras "intocável", "indiscutível", "insubstituível" entre outras. Podemos dizer que o termo surgiu a partir da potencialidade do idioma.

Já o estudo do vocábulo "imorrível", temos morrer [lat. vulg. *morere*. 1B] v.int 1. Perder a vida; falecer, finir-se, fenecer. O sonho morreu. Portanto, o termo deriva de um verbo intransitivo, cuja função não se apresenta de passividade, sendo assim, o termo em questão não se refere ao conjunto de padrões linguísticos que determina o correto uso da língua de acordo com a norma culta da língua.

Ainda o termo morfologicamente está composto segundo as regras de derivação do português: um prefixo *in-*, com valor negativo, que se torna *i-* diante de consoante nasal; o radical *morr-*, presente no verbo "morrer"; a vogal temática *-i-*, dos verbos da segunda conjugação; o sufixo *-vel*, "passível de".

Em 2011 o termo já havia sido usado no filme: *Di Melo – O Imorrível*, cuja estreia foi realizada no Festival de Inverno de Garanhuns, onde dois anos antes Di Melo retomava sua carreira, que, tendo gravado um único disco em 1975 e sumido, reaparece depois de mais de trinta anos para declarar-se imorrível.

Percebemos que tais inovações provocam mudanças dentro do contexto social e da comunidade de fala, além disso, sob os olhares da Sociolinguística o léxico reflete a cultura da sociedade. É um campo aberto a novas aquisições. Tais aquisições ocorrem não só na língua como na cultura de um povo, e essa mudança pode ocorrer tanto na modifi-

cação de elementos, acréscimos ou mesmo por eliminação, reestruturando valores linguísticos e morais.

### 3. Considerações finais

Entende-se que na prática quem determina o que é aceito, ou não, é a própria comunidade de falantes. Steven Pinker (2002, p. 480) escreve que não há contradição em dizer que toda pessoa normal pode falar gramaticalmente (ou seja, sistematicamente) e agramaticalmente, ou seja, fugindo as regras prescritivas. Para ele, as regras não se conformam nem à lógica nem à tradição, e se algum dia fossem seguidas imporiam aos escritores uma prosa imprecisa, pesada, prolixa, ambígua, incompreensível, em que certas ideias, simplesmente não podem ser expressas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política: inovações linguísticas no português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2004.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.

\_\_\_\_\_. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

DOLINSKI, José Tadeu. *Aspectos morfosintáticos, semânticos e estilísticos dos prefixos negativos na formação de palavras em português*. Curitiba, 1993. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ÉBOLI, Evandro. Ex-ministro Antônio Magri agora quer ser "imorrível". *O Globo*, 06/03/2013. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/brasil/ex-ministro-antonio-magri-agora-quer-ser-imorrivel-7755923>>. Acesso em: 23-04-2017.

FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. rev. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. Empréstimo linguístico: o que é, como e por que se faz. In: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2014, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF - Livro de Minicursos e Oficinas*, 2014. v. XVIII. p. 47-70. Disponível em:

<[http://www.filologia.org.br/xviii\\_cnlf/cnlf/02/009.pdf](http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/009.pdf)>.

\_\_\_\_\_. Empréstimos e estrangeirismos: confrontos e contrastes. In: VIII Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, 2013, Rio de Janeiro. *Revista Philologus*, Ano 19, No. 57 - Supl.: Anais da VIII JNLFLP, 2013. p. 435-445. Disponível em:

<[http://www.filologia.org.br/rph/ANO19/57SUP/RPh57\\_Supl.pdf](http://www.filologia.org.br/rph/ANO19/57SUP/RPh57_Supl.pdf)>.

\_\_\_\_\_. O empréstimo linguístico e sua dinâmica. *Cadernos do CNLF*, vol. XVI, n. 03 (Livro de Minicursos e Oficinas), p. 82-99, 2012. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/min\\_ofic/10.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/min_ofic/10.pdf)>.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.